

OS RECURSOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

Denize Cristina Kaminski Ferreira¹

Débora Rodrigues Ramos²

Tiago Trevisan³

RESUMO

Neste artigo defende-se que a disciplina de História tem grande potencial para assumir um compromisso de formação crítica do cidadão, pois sua essência é educativa, formativa, emancipadora e libertadora, haja vista que esse componente curricular pode fomentar o desenvolvimento da consciência histórica dos homens, a construção de identidades, a explicação do vivido, da ação social e da práxis individual e coletiva, instrumentalizando os sujeitos para o questionamento da realidade, a identificação de problemas sociais e a descoberta soluções. Assim sendo, pautando-se no potencial crítico e emancipador desta disciplina para a formação do educando e para a construção de sua cidadania, a partir do estudo e da reflexão acerca da ação dos homens na sociedade ao longo do tempo, o presente trabalho busca expor a potencialidade presente na utilização dos seguintes recursos pedagógicos: jogos, literatura, cinema, imagens, patrimônio cultural e museus, música e livro didático, numa abordagem transdisciplinar, enquanto facilitadores de aprendizagens significativas, favorecendo o diálogo com diferentes áreas do saber, superando a tradicional fragmentação disciplinar, estimulando uma compreensão integral dos saberes históricos, contribuindo para que o aluno perceba-se como sujeito ativo na construção da própria História.

Palavras-chave: História; Recursos Pedagógicos; Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

The History has great potential to assume a commitment to the critical formation of the citizen, because its essence is educational, formative, emancipatory and liberating, this curricular component can to development of historical awareness of Humanidad, the construction of identities, the explanation of what has been lived, social action and indivi-

1 Pedagoga, Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professora Adjunta da Faculdade de Campina Grande do Sul - FACSUL-PR. E-mail: denize_fabio@hotmail.com

2 Pedagoga pela Faculdade de Campina Grande do Sul - FACSUL-PR. E-mail: rodrigues.deborarodrigues@gmail.com

3 Licenciado em Pedagogia, Filosofia e Matemática. Bacharel em Teologia. Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso, em Educação de Jovens e Adultos, em Educação Especial e Inclusiva, em Gestão Escolar e em Arte, Educação e Terapia. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR. Professor na rede municipal de Colombo e Campina Grande do Sul-PR. E-mail: trevisaan@gmail.com

dual and collective praxis, equipping subjects to question reality, identify social problems and discover solutions. Therefore, based on the critical and emancipatory potential of the History for the formation of the student and for the construction of their citizenship, from the study and reflection on the man's action in society over time, the present work seeks to expose the potential present in the use of the following pedagogical resources: games, literature, cinema, images, cultural heritage and museums, music and textbooks, in a transdisciplinary approach, as facilitators of significant learning, in dialogue with different areas of knowledge, overcoming the traditional disciplinary fragmentation, favors a comprehensive understanding of historical knowledge and contributes to the student's perception of himself as an active subject in the construction of his own History.

Keywords: History; Pedagogical Resources; transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A História deve ser entendida como o estudo da experiência humana no passado e no presente, buscando compreender as diversas maneiras como os homens viveram/vivem e pensaram/pensam suas vidas e suas sociedades, através do tempo e no espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como em constante processo de transformação; processo este que assume formas muito diferenciadas e resulta das ações dos próprios homens (FONSECA, 2003).

Neste sentido, a História tem grande potencial emancipador, reflexivo e formativo, segundo Antunes (2010) é necessário considerá-la como fundamental para que os alunos possam questionar a realidade, identificar problemas e descobrir maneiras para solucioná-los.

Caso a História seja considerada sem grande relevância no currículo escolar, isso acarretará num ensino superficial, podendo culminar no desenvolvimento deficitário do saber histórico inerente à cidadania, deste modo o indivíduo poderá ter dificuldades para constatar, refletir e agir na sociedade em que está inserido, haja vista que os estudos relacionados aos processos históricos são fundamentais para a compreensão da sociedade e do mundo contemporâneo (BERUTTI; MARQUES, 2009).

Para garantir uma aprendizagem significativa por parte dos discentes, faz-se necessário que o professor utilize diferentes recursos pedagógicos no ensino da História, neste sentido, entende-se que uma abordagem transdisciplinar contribui para a formação integral dos sujeitos ao superar a tradicional fragmentação do conhecimento escolar em disciplinas.

A TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO

De acordo com Flores e Rocha Filho (2016) o prefixo 'trans' significa 'estar entre' e 'ir além de' e a expressão 'disciplinaridade' indica o reconhecimento da importância das disciplinas e suas especializações, nesse sentido, seria possível transitar entre as áreas do saber a fim de ampliar o conhecimento de mundo. Convém destacar que a transdisciplinaridade não critica os conhecimentos específicos, mas sim as atitudes de quem se mantém enclausurado em sua disciplina, vendo-a como um fim em si mesma.

A abordagem disciplinar implica na manifestação do múltiplo, já a transdisciplinar pressupõe o uno, isto é, as múltiplas disciplinas se encerram nos seus próprios limites, sem a necessidade de interagir com outras, já a transdisciplinaridade, ao contrário, estabelece uma unidade entre as áreas do saber, possibilitando a compreensão da diversidade de tudo que existe, sendo assim, não é possível tratar o uno sem o múltiplo e vice-versa (FLORES; ROCHA FILHO, 2016).

Neste sentido, evidencia-se que a transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar, além de possibilitar o surgimento de novos dados articulados entre si, a partir do confronto das disciplinas, "não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa" (NICOLESCU, 1999, p. 161).

A atitude transdisciplinar pressupõe a transposição permanentemente dos limites dos conhecimentos específicos, a partir da interação com outros modos de ver o mundo, contribuindo para a formação integral dos sujeitos, em contraposição a um modelo de apreensão limitada da realidade que não leva os sujeitos a perceber sua integralidade (FLORES; ROCHA FILHO, 2016).

A educação de qualidade é um instrumento que contribui decisivamente para o indivíduo tornar-se um cidadão ativo na sociedade, tendo consciência de suas origens. O conhecimento histórico, objeto específico da História, carece da interação com outras áreas do saber, a fim de garantir sua compreensão integral, pressupondo a superação tradicional do saber em áreas fragmentadas, nesse sentido, a abordagem transdisciplinar dos conteúdos históricos favorece a aprendizagem significativa por parte dos alunos.

A seguir serão abordados elementos atinentes à História e seus significados, a fim de compreender a especificidade da mesma e sua potencialidade para

o trabalho transdisciplinar, utilizando diferentes recursos pedagógicos apontados pela literatura especializada nesta empreitada.

A HISTÓRIA E SEUS SIGNIFICADOS

De acordo com Hipolide (2009) a função da História, enquanto ciência, desde o princípio é de ofertar à sociedade explicações sobre suas origens. Assim, Berutti e Marques (2009) afirmam que o ensino de História leva os alunos à compreensão de que a vida de cada indivíduo ao longo da história contribuiu significativamente para a construção deles próprios enquanto sujeitos históricos; todavia, para que isso ocorra é preciso que os mesmos, através de estudos históricos, tomem ciência do “conjunto de acontecimentos e dos processos de transformações na vida do homem ou de um povo ao longo do tempo” (SILVA; PORTO, 2012, p. 19).

A História é compreendida neste artigo como o estudo dos processos de mudanças e permanências na sociedade, bem como dos fatos ocorridos na vida dos seres humanos ao longo do tempo, buscando explicar suas origens, através da maneira como os humanos viveram, pensaram e produziram suas vidas e suas sociedades, em um período de tempo e no espaço em que estavam inseridos, procurando ser o mais preciso e fidedigno. Tais situações são fundamentais para se compreender a vida da sociedade e do mundo contemporâneo. Por isso, o ensino da História precisa levar os alunos a compreender que todos os sujeitos históricos contribuíram para sua vida e ele, enquanto indivíduo, também irá contribuir para com as futuras gerações.

É preciso, segundo Berutti e Marques (2009), instigar os alunos a perceber que o interesse pelo passado, nada mais é que um interesse pelo presente. Ao tentar entender o presente, é necessário compreender a maneira como os fatos históricos ocorreram, para isso é preciso retornar ao passado. Assim, com o aporte da História, a Educação torna-se um eficaz instrumento para a formação de cidadãos mais atuantes e de uma geração mais consciente; contudo, para que essa expectativa se concretize, faz-se necessário que o professor tenha consciência dessa premissa e em sua prática assuma uma postura de mediador, a fim de intervir na sua realidade.

Para que os professores sejam capazes de desenvolver práticas exitosas é fundamental que utilizem diferentes recursos pedagógicos. A seguir serão apre-

sentados alguns recursos apontados pela literatura especializada como pertinentes para o ensino de História, os quais, a partir de uma abordagem transdisciplinar, fomentam uma aprendizagem significativa.

OS RECURSOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NO ENSINO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

Segundo Piletti (1997) os recursos de ensino são componentes presentes no espaço de aprendizagem que estimulam o aluno. Assim sendo, os recursos pedagógicos são selecionados pelo professor a fim de alcançar o objetivo dentro de um determinado conteúdo, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

No ensino de História esses recursos podem ser: jogos, literatura, cinema, imagens, Patrimônio Cultural e os Museus, música e livro didático, os quais podem e devem extrapolar os limites da disciplina, transdisciplinarmente, permitindo que os alunos apreendam o saber histórico em sua totalidade.

JOGOS

Na busca de uma aprendizagem significativa, uma das possibilidades para se ensinar História é com o uso de jogos; segundo Antunes (2010) é através deles que o aluno busca o passado sem perder a consciência do presente, tal situação permite ao aluno a compreensão do saber.

Para Haydt (2006) o professor, ao utilizar-se de jogos, está criando em sua aula um espaço de motivação que permite aos alunos participarem ativamente do processo ensino-aprendizagem, assimilando experiências e informações. Para tanto, é necessário que o professor defina os objetivos a serem atingidos com tal jogo, bem como determine os conteúdos que serão abordados ou fixados com tal ação, elabore ou escolha um jogo mais adequado aos objetivos e à faixa etária, especifique os recursos e os materiais utilizados para o jogo, explique para os alunos as regras e as instruções para que o jogo aconteça, permitindo aos alunos que ao final do mesmo possam relatar o que aprenderam, o que descobriram ou perceberam sobre o assunto abordado (HAYDT, 2006).

Uma das possibilidades do uso de jogo é a dramatização, uma vez que, segundo Antunes (2010), toda criança gosta de contar histórias, então o professor pode torná-la personagem de um determinado contexto histórico, isso

fará com que ela pesquise. Frente ao desafio proposto, cabe ao professor dar subsídios para que seus alunos encontrem as fontes de pesquisas referentes ao tema abordado, dialogando com outras áreas do saber, garantindo que o contexto histórico seja corretamente contemplado, além de corrigir eventuais desvios conceituais.

Muito próximo da possibilidade citada anteriormente, encontra-se o *Role-Playing Game* (RPG), ou seja, o jogo de interpretações de papéis. Segundo Ionta (2007) esse jogo faz com que se tenha um narrador, que irá contando a história, enquanto os demais a interpretam. Para a autora, esse jogo problematiza a história e questiona suas formas de produção, além de estimular uma busca constante, na ânsia de melhor compreender a História.

Haydt (2006) defende que o jogo possui um valor formativo, uma vez que pressupõe relação social e interação, sendo que esses elementos favorecem a formação do sujeito. Nesse contexto o professor é o mediador, aquele que segundo Freire (2011) é um desafiador dos seus educandos e, conseqüentemente, de si próprio, criando situações instigantes.

Para Antunes (2010) outra possibilidade de jogos é o júri simulado, no qual haverá os membros de acusação, de defesa e o corpo de jurados, e dentro de um assunto definido pelo professor, os alunos terão que buscar fontes de argumentação, promovendo o 'triálogo', a partir de questões elaboradas pelos grupos, partindo de um conteúdo específico, os alunos irão discutir, em seguida através de sorteio se selecionará uma equipe para responder. Cabe ressaltar, como já afirmado anteriormente, que o professor será o mediador, e se necessário intervirá, caso o conhecimento científico esteja sendo desviado.

Ainda segundo Antunes (2010), os jogos são úteis e interessantes, contudo, devem ser utilizados com critério e sobriedade para que a essência seja a aprendizagem e não uma alegre brincadeira vazia, devendo assim, segundo Haydt (2006), ser uma atividade dentro de uma sequência definida de aprendizagem e um meio de se alcançar os objetivos educacionais.

LITERATURA

A literatura é muito usada pela disciplina de Língua Portuguesa, no entanto, é possível trabalhá-la nas demais disciplinas escolares transdisciplinarmente, sobretudo, no ensino de História, pois a leitura de textos literários não apenas

contribui com o desenvolvimento linguístico, como também com o conhecimento histórico.

Pode-se utilizar romances, peças teatrais, poesias, diários e relatos contidos em crônicas de viagens, etc. O professor deve ter sempre em mente que o autor de um texto sempre vai colocar suas próprias impressões a respeito daquela época, portanto, cabe ao docente desfragmentar diferentes elementos relatados no texto (BITTENCOURT, 2009).

Bittencourt (2009) indica que há uma relação dialógica entre o autor e o leitor da obra, o que possibilita encontros diferentes entre lugares e épocas distintas. Essa mesma relação é a base para que se façam diversas análises de uma mesma obra em variados períodos. Segundo a autora citada, com esse referencial torna-se possível analisar os textos literários como documentos de época, pois uma obra ao ser lida na contemporaneidade, está carregada de outras leituras que já se fizeram sobre a mesma.

CINEMA

Segundo Fonseca (2009) o cinema é uma arte pela qual o homem expressa seus sentimentos e constrói sua sensibilidade. O cinema ainda possui a capacidade de distrair, fascinar, inquietar, seduzir, comover e de despertar diversas sensações. Pode ainda alimentar a imaginação, ampliar o modo de ver, sentir e compreender as pessoas e o mundo.

O uso de filmes de qualidade nas aulas amplia o campo temático e documental, ofertando ao aluno diferentes formas de conhecer as abordagens e conceitos, e assim o leva a refletir sobre o espaço histórico e social em que ele está inserido (FONSECA, 2009).

Para que o filme se torne um recurso do ensino de História, é preciso certo cuidado, segundo Berutti e Marques (2009, p. 131), o mesmo possui características narrativas próprias e poderá ser infiel à realidade concreta que está apresentando, ou seja, “os filmes não são, portanto, uma reprodução do real, mas uma leitura do real, datada, situada espacial, temporal e culturalmente”. Ainda para os citados autores, é preciso ter cuidado com os filmes, pois por trás deles há um diretor e um roteirista, que podem vir a articular situações para compor a estética do filme que não correspondem à realidade do período histórico que está sendo apresentado.

Feitas as devidas ressalvas, a opção pelo uso do cinema nas aulas requer do professor, conforme pondera Fonseca (2003), o rompimento com a concepção de 'história escolar' como uma verdade, requer outra relação com as fontes de estudo e pesquisa, e não apenas a ampliação do corpo documental no processo de transmissão e produção de conhecimentos; exige, também, um aprofundamento dos conhecimentos acerca da constituição da linguagem, das dimensões estéticas, sociais, culturais, cognitivas e psicológicas, seus limites e possibilidades. Isto é, o uso de filmes, enquanto recurso pedagógico, requer do professor uma postura transdisciplinar, o gosto pela investigação e a busca permanente do acesso a esse universo da produção cultural. Considerando a relevância da utilização do referido recurso metodológico, destaca-se que a utilização de filmes nacionais nas escolas públicas brasileiras é normatizada pelo artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, o qual determina que estes são obrigatórios nos currículos da educação básica e sua exibição deve contemplar no mínimo duas horas mensais.

Frente à realidade abordada, para uma metodologia que se utilize de filmes nas aulas, conforme aponta Bittencourt (2009), é necessário que o professor prepare os alunos criticamente para que, ao assistirem, possam ir além da análise de conteúdos e possam realizar uma leitura crítica, a partir de critérios apresentados anteriormente pelo docente.

Para Bittencourt (2009), o primeiro passo que o professor deve dar ao escolher um filme é a preferência de gêneros por parte dos alunos e a identificação da experiência deles enquanto espectadores. Em seguida, constatar o que eles valorizam em um filme. Tais conhecimentos são fundamentais para que o professor possa introduzir perguntas que problematizem e conduzam os alunos a duvidarem daquilo que estão assistindo. Outro ponto de destaque ao se utilizar um filme nas aulas é, segundo a mesma autora, a possibilidade de controlar as cenas, como por exemplo, o professor pode voltar a sua aula para as cenas mais importantes do filme e focar as discussões.

IMAGENS

Vivemos em um ambiente empobrecido de textos, mas extremamente animados de informações visuais, conforme aponta Antunes (2010). Assim sendo, para Bittencourt (2009) é fundamental que o professor selecione imagens para

serem usadas em aula, contudo é necessário que ele busque imagens que sejam capazes de motivar seus alunos e gerar questionamentos sobre a temática.

Neves (2012) aponta que o uso de imagens nas aulas é um momento muito rico para o desenvolvimento dos conteúdos, pois as obras de arte, fotografias e desenhos são ótimos recursos para o trabalho pedagógico, sobretudo, no ensino de História. Porém para que esse recurso possa ser válido, é preciso, segundo Bittencourt (2009), selecionar imagens datadas, que reproduzam cenas e personagens que possam ser reconhecidos, para que unidas com outras fontes, possam ser articuladas e forneçam informações confiáveis.

Um dos problemas ao se escolher uma fotografia, segundo Bittencourt (2009), é desconsiderar que existe um indivíduo por trás da câmera fotográfica, que ele pode manipular a escolha do espaço, das pessoas em determinadas posturas, a luminosidade, o destaque de determinados ângulos das pessoas e objetos, esses elementos podem prejudicar o entendimento do observador.

Ao levar uma imagem para a sala, segundo Antunes (2010), é fundamental que o professor ensine seus alunos a 'verem a imagem', ou seja, faz-se necessário que ele enquanto mediador explore, passo a passo, essa capacidade, apontando as diferenças entre as coisas simples, as cores, a composição, a luminosidade, etc. É preciso ainda que o mediador estimule seus alunos a usar a imaginação e perceber os detalhes das formas, das cores e o movimento das cenas.

De acordo com Bittencourt (2009), para o professor selecionar uma imagem é necessário a escolha de uma "imagem forte", ou seja, imagens que causem impacto visual no aluno, para motivá-los, para trazer informações significativas sobre o tema e gerar questionamentos. Assim, ao utilizar imagens nas aulas de uma determinada temática, é mais adequado o uso de uma ou duas imagens, para que possam ser exploradas com cuidado e paciência, iniciando o aluno nas análises de leitura de imagem.

Nesse mesmo sentido, para Silva (2012), é preciso que o professor tenha consciência que as imagens não falam por elas mesmas, mas são os professores, como mediadores, que falam por meio de imagens, ou seja, cabe ao professor fazer a mediação entre a imagem e o aluno (ANTUNES, 2010).

Conforme indica Neves (2012) as imagens possibilitam, através de pintores e fotógrafos, identificar as formas de vestir, os meios de transporte, as ferramentas de trabalho, hábitos do cotidiano, cenas e paisagens urbanas e rurais,

a exploração das particularidades que as imagens apresentam, etc. É possível constatar vários indícios da época que a imagem retrata e através dessa ação mediadora do professor, irá formando seus alunos para serem bons leitores de imagens.

Dentre as imagens destaca-se o uso de mapas, através da leitura dos mesmos, segundo Nemi, Martins e Escanhuela (2009), é possível visualizar as modificações geográficas e também contemplar as diferentes perspectivas a respeito de um determinado lugar e época. Dentre tantos materiais que estão disponíveis hoje em dia, o mapa traz referência a mentalidades de uma época em seu caráter administrativo, político, estratégico e científico.

O mapa permite que o aluno consiga desenvolver um pensamento compreendendo a evolução humana; ele passa a assimilar melhor os processos históricos e geográficos, como por exemplo, quando se trabalha com um mapa que apresenta fronteiras antigas e um com as fronteiras atuais, a partir desse ponto o professor passaria a mobilizar transdisciplinarmente saberes de diferentes áreas para buscar explicações para tal situação.

PATRIMÔNIO CULTURAL E OS MUSEUS

O Patrimônio Cultural, segundo o Crea-SP (2008), é o conjunto de bens, tanto de natureza material ou imaterial, que guarda em si elementos que compõem a identidade, a ação e a memória de diferentes grupos sociais, se trata de um elemento singular para o desenvolvimento, sustentação e promoção do bem-estar social, a participação e a cidadania.

De acordo com a Constituição Brasileira (1988), artigo 216, o patrimônio cultural brasileiro é constituído pelos

(...) bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Contudo, segundo Silva e Porto (2012), embora teoricamente haja a distinção de materialidade e imaterialidade, na prática elas são indissociáveis e estão dialeticamente ligadas.

Sendo o Patrimônio Cultural e sua preservação um dos elementos que constituem a cidadania, a qual é a essência da História, então, conforme aponta Silva e Porto (2012), essa disciplina não pode prescindir do Patrimônio Cultural enquanto recurso pedagógico.

Grande parte do Patrimônio Cultural encontra-se guardada em museus, a esse respeito indaga-se do porquê levar alunos a museus, sendo que é o tipo de aula que leva tempo, preparo e muito esforço por parte de docente, sendo necessário um trabalho de sensibilização com os discentes para com as linguagens plásticas.

A proposta a se trabalhar então, segundo Bittencourt (2009), é que ao invés de um artefato trazer apenas a curiosidade sobre um passado atrasado, que ele traga indagações, que o aluno busque saber mais a respeito daquele objeto (sua história, sua utilidade, seu papel histórico, sua evolução, etc.), conhecimento tal que o faça saber mais a respeito de sua própria História.

Os museus trazem um leque enorme de possibilidades durante as aulas, compreendendo desde visitas monitoradas até construções de kits com objetos museológicos. Porém antes de se trabalhar o conteúdo propriamente dito, faz-se necessário trabalhar com os alunos o que é um museu e qual sua importância na composição da memória social (BITTENCOURT, 2009).

MÚSICA

Segundo Zucchi (2012) a música é uma arte que atrai a atenção de todos os seres humanos e se usada na frequência certa, se fixa na memória do indivíduo, fazendo-o meditar sobre a letra, o que nas aulas é um recurso metodológico que pode servir como um meio para sensibilizar, informar e ajudar os alunos a pensar, refletir e entender determinados períodos da História, favorecendo a aprendizagem.

Entretanto, segundo Bittencourt (2009), existe uma grande diferença entre ouvir música e pensar música. Assim, o professor ao inserir música em suas aulas, precisa, segundo Zucchi (2012), planejar e ter clareza quanto aos objetivos do uso da mesma em uma determinada atividade, a fim de contemplar os

conteúdos estudados, caso contrário tal recurso se reduz a um mero instrumento de recreação.

Conforme aponta Bittencourt (2009) para inserir tal complexidade no ensino básico, podem-se utilizar as bases da evolução da música tecnicamente, assim como a importância histórica dos instrumentos que eram utilizados na execução e composição da música. Deve-se lembrar que o ensino da música pode contar com exposições de instrumentos musicais e simpósios correspondentes com a época, que são essenciais para apresentação dessa forma de arte no ensino.

Pode-se analisar em uma música desde o ritmo que remete os alunos a uma determinada época, aos instrumentos que nela são utilizados. Além da música em si, é possível trabalhar a sua letra e a sua interpretação. Fazendo a análise como um documento escrito, sempre lembrando que cada texto e poesia carregam a idealização de quem a escreveu. Além da possibilidade de se trabalhar diferentes versões da música que já foram gravadas, a fim de comparar os ritmos e analisar os diferentes períodos históricos (ZUCCHI, 2012).

Considerando seu potencial formativo, a música é componente obrigatório no currículo escolar brasileiro, devendo ser inserida nos conteúdos do ensino das artes, conforme consta no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96. Além da abordagem na disciplina de artes, percebe-se que a música pode ser utilizada como recurso pedagógico no trabalho com as demais áreas do saber, a fim de facilitar o aprendizado ao recontar determinadas situações. Cabe ressaltar que tais atividades podem contar com a parceria com outros professores, como por exemplo, de Educação Física e Artes, superando a fragmentação das disciplinas.

LIVRO DIDÁTICO

O livro didático, segundo Fonseca (2003, p. 49), “constitui a principal fonte de estudo, o elemento predominante e muitas vezes determinante no processo de ensino”, sua qualidade interfere grandemente na maneira como o aluno vai acessar determinado conhecimento, ainda segundo a autora, o livro didático é de fato, o principal veículo de conhecimento sistematizado que as escolas brasileiras têm acesso durante a educação escolar.

Bittencourt (2009) aponta que é necessário observar se os livros didáticos apresentam uma sistematização do conhecimento necessária para a concre-

tização do conteúdo curricular, prevendo se há articulação entre informação e aprendizagem. Segundo a mesma, o livro didático tem sido utilizado de maneiras diversas, indo desde um instrumento de pesquisa até o material mais utilizado pelos alunos e professores no dia a dia de sala de aula.

Pimenta (1985) afirma que este é um material que deve ser muito bem avaliado, tendo em vista que é um fator fundamental no que se refere ao ensino e sua metodologia. Segundo a autora, este é um dos únicos recursos pedagógicos que dita o conteúdo a ser ensinado, cabendo, portanto, aos professores e especialistas na área pesquisar, analisar e avaliar, para realmente abordar um conteúdo que seja adequado e pertinente à população atendida.

Deve-se, antes de tudo, fazer uma apresentação do livro para os alunos em sua integralidade, pedindo-lhes que elaborem uma ficha bibliográfica da obra com o nome do autor, título, editor, local de edição e etc. É importante ensiná-los a utilizar o índice para identificarem pelo tema de estudo o capítulo a ser lido ou estudado. (BITTENCOURT 2009, p. 320)

Segundo Bittencourt (2009), através do contato com o livro, os alunos passariam a tê-lo como fonte de pesquisa, espera-se que através deste contato com o mesmo, o aluno sintam-se instigado a pesquisar em outros locais a respeito do tema estudado, enriquecendo seu conhecimento, e que deste modo, o livro venha a desempenhar um papel mais eficaz no processo de ensino, conduzindo à aprendizagem, uma vez que, ele possui um suporte de métodos pedagógicos, pois contém exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo, sendo ainda um veículo de sistemas de valores, possuindo a ideologia de uma determinada cultura e época da sociedade.

CONCLUSÃO

A História assume o compromisso de formação integral do cidadão, já que sua essência é educativa, formativa, emancipadora e libertadora, pois ela possibilita o desenvolvimento da consciência histórica dos homens, constrói identidades, permite a explicação do vivido, da ação social e da práxis individual e coletiva através da apropriação do conhecimento histórico, ressaltando e instigando o melhor, em uma perspectiva cultural, de cada sociedade.

Cabe ressaltar o compromisso da História com o esclarecimento de que os direitos e deveres que a sociedade atual possui são resultados do passado,

devido à luta e conflitos de diferentes grupos, além de ser construída no dia a dia da prática social, no respeito mútuo, a fim de contribuir com a construção do ser humano na totalidade.

A utilização de diferentes recursos pedagógicos no ensino de História, mencionados pela literatura especializada e abordados neste artigo, numa perspectiva transdisciplinar, pressupõe a ruptura da tradicional fragmentação das disciplinas, favorecendo a compreensão dos saberes históricos em sua totalidade, de maneira que o educando seja capaz de se perceber enquanto produtor da própria História e não apenas um mero espectador dos fatos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **História e Didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BERUTTI, F.; MARQUES, A. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em 12 jan. 2019.

_____. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em 12 jan. 2019.

CREA- SP. **Patrimônio histórico: como e por que preservar?** Bauru: Canal 6, 2008.

FLORES, J. F.; ROCHA FILHO, J. B. da. Transdisciplinaridade e Educação. **RevistAleph**, n. 26, ago. 2016, p. 110-122.

FONSECA, S.G. Cinema e Ensino de História. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n.1, jan./jun. 2009, p. 150-157.

_____. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HAYDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.

HIPOLIDE, M. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental – metodologia e conceitos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

IONTA, M. **Vamos brincar de História?** Disponível em: <<http://www.revista-dehistoria.com.br/secao/educacao/vamos-brincar-de-historia>> Acesso em: 13 abr. 2015.

NEMI, A. MARTINS, J.C. ESCANHUELA, D.L. **Ensino de História e Experiências.** São Paulo: Edição FTD, 2009.

NEVES, A. M. B. **Interações: raízes históricas brasileiras.** São Paulo: Blucher, 2012.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade.** São Paulo: TRIOM, 1999.

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil.** São Paulo: Ática, 1997, 7ª edição.

PIMENTA, S. G. Orientador Educacional ou Pedagogo. **Revista da ANDE.** São Paulo, n.9, 1985, p.29- 37.

SILVA, M. PORTO, A. **Nas trilhas do Ensino de História: teoria e prática.** Belo Horizonte: Rona, 2012.

ZUCCHI, B. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes.** São Paulo: Edições SM, 2012.